

Dr. Eng. Hermínio Duarte-Ramos
Director de ELECTRICIDADE

Tutores da Educação

Fora do exercício profissional de base, a tempo inteiro, sempre participei em actividades de colaboração. Este hábito veio da época em que geralmente se necessitava de um ou mais complementos salariais para se ter o dinheiro mínimo que permitisse demandar novos e alargados horizontes. Por isso, a colaboração foi um termo que se identificou com ganhar pouco, aceitando-se como um natural somatório (quando surgia positivamente).

Sem condições familiares que suportassem os estudos universitários, enquanto estudante por profissão (trabalhador por conta própria e sem remuneração) procurei algum apoio financeiro (e lúdico) na colaboração jornalística. Após várias colaborações gratuitas (que isto de arranjar mercado exigia, e exige, o investimento de grande esforço) ganhei alguns escudos a colaborar na revista «Estúdio», uma publicação mensal do «Diário de Notícias» dedicada ao cinema, onde escrevia sobre o ambiente artístico do teatro e da rádio (numa página dita Onda Sonora), salpicando com entrevistas a actores ou reportagens sobre filmes em rodagem (como «O Noivo das Caldas», realizado por Arthur Duarte, rebento de outra família). Depois colaborei em diversas revistas e jornais, como «Cartaz», «Seleções Femininas», «AEIST», «A Província de Angola», «Música & Som», «TV Top», «Diário da Tarde», entre outras colaborações oferecidas e até (vejam lá!) pagas. Daí extraí um resultado: de colaborações jornalísticas não se vive em Portugal. Estas só funcionam como complemento (à bolsa ou ao espírito).

Engenheiro formado, comecei a ocupar o tempo com instalações eléctricas, a princípio de baixa tensão e mais tarde de alta tensão (isto para dar um cheiro de engenharia electrotécnica à presente confrontação entre colaborar e cooperar). Quando já dominava as artes deste ofício colaborei como projectista, neste ou naquele projecto, com um ou outro arquitecto: eu dava o couro e eles ficavam com o ouro, seguindo o destino dos colaboradores. Todavia, era uma colaboração que dava para ir ao estrangeiro, quando as férias chegavam, prescrutar os tais horizontes novos e alargados.

Trabalhei muito no espartilho da “chapa ganha, chapa gasta”. Até que um dia me cansei dos horizontes limitados em que vivia. Diligencieei atingir o Canadá, mas migrei para Angola. Aí entrei definitivamente na profissão universitária, depois de ter esgotado uns anos a colaborar ao Instituto Superior Técnico, com o grau mais ínfimo de Assistente e sem trampolim para saltar, enquanto me derretia a dirigir obras na AEG. Deste modo, aconteceu que a experiência docente me levou a colaborar com o sector industrial, quando os organismos necessitavam de um especialista nos variados domínios da ciência e tecnologia dos meus afectos. Os anos fizeram de mim consultor, nacional e internacional. No estrangeiro europeu, onde há outra cultura de colaboração, sempre me pagaram bem. Mas em Portugal só encontrei colaborações dentro da complementaridade tradicional de “toma lá que chega para os reбуçados que queres chupar”.

Eis senão quando se tornou frequente ouvir chamar “colaboradores” aos “trabalhadores” das empresas, aqueles que trabalham a tempo integral. Deve ser influência da palavra alemã “Mitarbeiter” ou alguma emergência anti-comunista serôdia. A verdade é que esta designação pressagia uma mudança de maus agoiros quanto a vencimentos: quem trabalha todo o dia e todos os dias úteis numa empresa passou a colaborar simplesmente, legitimando assim o fraco ordenado que afeire. Os quadros superiores (suspensos a observar os resultados dos colaboradores = trabalhadores) ganham muito mais e não se referem por colaboradores (mas por gestores, directores, administradores, presidentes, etc). Os outros, sim, os operários e funcionários é que colaboram, quer dizer, ganham pouco (se tiverem a sorte de ganhar).

Só espero que não venha agora a moda da cooperação, que transforme os colaboradores (dantes trabalhadores) em cooperadores. De facto, acabo de encontrar uma “lição sobre cooperação”, em inglês, no painel de um Conselho Científico que me assusta. Passo a traduzir em português, para uma leitura mais convincente, embora solicite um pouco de boa vontade, para achar graça.

Há uma estória acerca de quatro homens, com os nomes de Todos (Everybody), Alguém (Somebody), Qualquer (Anybody) e Ninguém (Nobody). Foi necessário fazer uma tarefa (job) e solicitou-se a Todos que a fizesse. Todos sabia que Alguém a podia fazer. Qualquer podia fazê-la, mas foi feita por Ninguém. Alguém ficou zangado com isso, porque era tarefa de Todos. Mas Todos pensou que Qualquer a podia fazer, e Ninguém percebeu que Todos a não faria. Acabou por acontecer que Todos ralhou com Alguém, quando afinal Ninguém fez o que Alguém poderia ter feito.

Eis um excelente retrato da entre-ajuda no trabalho de grupo, pelo menos na cooperação entre universitários. No sentido tradicional, um profissional executa por dever. Nunca é colaborador. Mesmo nas profissões livres, o profissionalismo impõe o ajuste devido pelas tabelas salariais, conforme a tarefa executada (como dita a ética das Ordens). Na colaboração, porém, o critério de retribuição é aleatório, desde a gratuidade (há idealistas em tudo) à recompensa altamente injustificada (há popularidades que não justificam tamanhas desproporções).

Nesta revista só se publicam colaborações gratuitas, por tradição. E a tradição vale muito, seguindo a lição barraquenha, ao mais alto nível público (não são os governantes o espelho do povo?). É claro que seria bom pagar a colaboração literária. Mesmo ao arrepio da prática tradicionalista, defendendo que faça um pagamento, ainda que seja simbólico (a prestigiada revista alemã sobre ciência e tecnologia electrotécnica «ETZ» fez questão de me presentear uma colaboração de investigação colectiva com um cheque de algumas dezenas de marcos). Mas como? Se até a produção mensal da ELECTRICIDADE depende da cooperação publicitária de grandes grupos, no sentido saxónico do termo: os pagamentos demoram um ano no jogo do empurra entre Todos, Alguém, Qualquer e Ninguém. Comigo no meio, que sou Nada (Nothing), o quinto personagem da estória da cooperação à portuguesa. **E**